

ANO LXXVII - Nº 14 - RIO DE JANEIRO - OUT 2003 / ABR 2004

ASTRÉA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇÔNICOS
Órgão Oficial do Supremo Conselho do Grau 33
do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil





SUPREMO
CONSELHO

175
ANOS

GOIÁS



O 175º Aniversário de Fundação do **Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil** manteve a tradição de realizar nossa mais importante festividade com Maçons Escoceses em todo o Brasil, desta vez tendo como anfitrião o Pod.: Ir.:

José Alvarenga dos Santos, 33º

Sereníssimo Grão-Mestre da M.:R.:

***Grande Loja Maçônica
do Estado de Goiás***



Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Meus Irmãos

Comemoramos, no mês de março próximo passado, os 175 Anos de Fundação de nosso heróico Supremo Conselho. Quis o *Grande Arquiteto do Universo* que esta esplêndida efeméride fosse festejada na cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás, situada no centro geográfico do Brasil, de cujo território, desmembrado, foi erigida a sua nova capital.

Foram muitos os sucessos do Supremo Conselho no decorrer do ano de 2003, primeiro do quinquênio de nossa Administração.

Completamos a revisão de todos os Rituais, do 4º ao 32º, após o que, uma vez impressos, enviamos-los aos Irmãos neles iniciados, saldando compromissos imposteráveis.

Imprimimos os novos Diplomas, em maravilhosa arte gráfica, que a todos vem agradando, mercê da aridez dos anteriores.

Criamos um novo *pin* a ser usado pelos Irmãos do Rito, obra prima de inventividade, o qual vem sendo

adquirido intensamente, já tendo sido ressarcido o preço de sua confecção.

As obras do *Auditório Venâncio Igrejas* estão em fase terminal, adquiridas as poltronas e instalado o sistema de ar condicionado; tudo pago. Pretendemos inaugurá-lo em breve, como parte das come-

morações dos 175 Anos de Fundação.

Assim que confirmarmos a data, faremos uma comemoração festiva, o mais brilhante possível. Os Irmãos serão devidamente convidados para o evento.

O afluxo de Irmãos interessados em seguir na carreira maçônica, propiciada pelo Rito Escocês Antigo e Aceito tem sido impressionante. Tudo por conta da seriedade com que o Supremo Conselho e o Rito vêm sendo administrados.

Prosseguimos no trabalho de incrementar o prestígio do Supremo Conselho e o Rito Escocês Antigo e Aceito, seja no interior do Brasil, seja no exterior.



1

As festividades anuais de comemoração da Fundação do Supremo Conselho em outras localidades, que não seja a de sua sede, vem rendendo os melhores frutos, trazendo prestígio e consideração, cada vez maiores para o Rito e o Supremo Conselho.

Evidentemente que tudo isso tem um preço elevado, seja em dinheiro, seja em desgaste físico para todos os integrantes do Sacro Colégio. Tem, no entanto, valido a pena.

Em 2003, viajamos para a cidade do Cabo, África do Sul, para assistir à Reunião dos Soberanos Grande Comendadores da Europa. Foi um sucesso absoluto, tanto pelo que aprendemos, quanto pelo conceito em que somos creditados. Junto a mim viajou o Ir. **João Alexandre**, 33º, Chefe da Secretaria do Supremo Conselho, pois domina o idioma inglês, língua oficial do encontro.

No mês de novembro viajei, em companhia do Ir. **Lyrío Bravin**, Grande Secretário do Interior, para a cidade de Santiago, capital do Chile, a fim de participarmos da V Conferência dos Supremos Conselhos da América do Sul, presentes os Soberanos Grandes Comendadores **Floreal Toledo Vilarin**, do Chile, Presidente, do Paraguai, da Bolívia, da Argentina, da Colômbia e, evidentemente do Brasil.

Os trabalhos transcorreram na mais perfeita harmonia e fraternidade, havendo sido escolhido o Paraguai para sediar a próxima Conferência, neste ano, provavelmente em outubro.

Neste ano em curso, teremos as festividades dos 200 anos de Fundação do Supremo Conselho da França, nosso tradicional amigo, cujo Soberano Grande Comendador, Il. e Pod Ir. **Henri Baranger**, 33º, já nos visitou em diversos eventos, solidificando uma amizade de longos anos.

As investiduras de Irmãos no Grau 33 foram inúmeras, embora não

tão profusas como no passado, em virtude da exigência intransigente dos interstícios estatutários, o que desagrada a alguns, porém é aplaudida pela quase totalidade dos Irmãos do Rito, inclusive pelos Sereníssimos Grãos Mestres, baluartes da Maçonaria Simbólica. A eles interessa, muitíssimo, a severidade nas iniciações e nas investiduras, exemplo para todos os que ingressam em nossas fileiras.

Há, no entanto, um problema que temos enfrentado, que são os claros nos Quadros de nossa Administração.

Os problemas trazidos pelos tormentosos acontecimentos que envolveram o Supremo Conselho e a Grande Loja Maçônica do Rio de Janeiro, felizmente serenados, vêm dificultando a aquisição de novos Membros Efetivos, a fim de preencherem claros na Administração.

É fácil compreender os motivos. São fatos que merecem profunda e serena meditação. Veremos...

No mais, os Relatórios da Grande Secretaria Geral do S. S. I. e da Grande Tesouraria do Supremo Conselho darão a todos uma imagem perfeita do desenvolvimento da Administração do Supremo Conselho e do que nos espera no futuro.

Aproveite para agradecer a todos os Irmãos Membros Efetivos; aos Grandes Inspectores Litúrgicos; aos seus Delegados; a todas as Administrações dos Corpos Subordinados; aos abnegados funcionários do Supremo Conselho, sem cujas apreciadas colaborações não teria sido possível alcançarmos o sucesso em nossa administração.

Fraternais abraços e saudações.



*Supremo Conselho Grau 33º
do Rito Escocês Antigo e Aceito
da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil*

Administração

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Venâncio Igrejas, 33º
Ex-Soberano Grande Comendador, Membro Efetivo

Geraldo de Souza, 33º
Lugar Tenente Comendador

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º
Grande Ministro de Estado

Adélman de Jesus França Pinheiro, 33º
Grande Secretário do S.:I.:

Francisco Antônio Gonçalves Dias, 33º
Grande Tesoureiro do S.:I.:

Lyrio Bravim, 33º
Grande Secretário do Interior do S.:I.:

Joaquim Alves Barbosa, 33º
Grande Chanceler G.: dos Selos

SGCs de Honra

Venâncio Igrejas, 33º

Geraldo de Souza, 33º

Ballo Geay Yacouba, 33º
Costa do Marfim

Jean Sicinsky, 33º
Polônia

Membros Efetivos

Venâncio Pessoa Igrejas Lopes

Geraldo de Souza

Adolpho Porta

Luiz Fernando Rodrigues Torres

Licínio Leal Barbosa

Edno Gomes Dannemann

Adélman de Jesus França Pinheiro

Orlando Marinho da Silva

Joaquim Alves Barbosa

Francisco Antônio Gonçalves Dias

Aírton Nascimento Câmara

Francisco Bezerra de Araújo Galvão Neto

Jorge Luiz de Andrade Lins

Francisco de Assis Alves Cascais

Joaquim Takao Tano

José Ebram

Atyla Quintães Freitas Lima

José Linhares de Vasconcelos Filho

Lyrio Bravim

Cyrilo Leopoldo Carvalho da Silva Neves

José Alves de Alencar

Carlos Roberto Roque

Rui Silvio Stragliotto

Carlos Antonio de Almeida Deveza

Francisco "Bonato" Pereira da Silva



Revista Astréia

Órgão Oficial do **Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil.**

Fundada em 1º de janeiro de 1927,
pelo Ir.: **Mario Behring, 33º**

Diretor Presidente

Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**, Soberano Grande Comendador

Editor

Ir.: **José Fernandes Miranda Salgado**, OJB 1102 - 99

Redator Chefe

Ir.: **Geraldo de Souza, 33º**, OJB 0065

Diretor e Jornalista Responsável

Ir.: **José Fernando Miranda Salgado**

Redatores Adjuntos

Ir.: **Lyrio Bravim, 33º**

Ir.: **Venâncio Igrejas, 33º**

Editor Fotográfico

Ir.: **Antônio Sodré Brandão**

Criação e Produção

Infinity Editorial e Promocional

Rua São Vicente, 127 - Tijuca
20620-140 Rio de Janeiro RJ

Tiragem desta Edição: 10.000
exemplares

Correspondência

Revista Astréia

Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá
21321-620 Rio de Janeiro RJ

Telefone: (21) 3390-3000

Telefax: (21) 3359-1361

*Os artigos publicados nesta revista
são de inteira responsabilidade de
seus autores.*



3



Investidura ao Grau 33° em Brasília

*Adélman de Jesus França Pinheiro, 33°
Grande Secretário Geral do S.:I.:*

No dia 20 de novembro de 2003, o Soberano Grande Comendador, Irmão **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33°, e sua comitiva, composta pelos Irmãos **Jorge Luiz de Andrade Lins**, 33°, Grande Ministro de Estado e **Adélman de Jesus França Pinheiro**, 33°, Grande Secretário Geral do S.:I.:, viajou para Brasília, para presidir a Investidura ao Grau 33 de trinta e seis Irmãos.

A impecável Sessão foi organizada pelo Grande Inspetor Litúrgico do Distrito Federal, Irmão **Paulo Fernandes Silveira**, 33°.

Aquele Ilustre Irmão não mediu esforços para prestigiar a comitiva do Soberano Grande Comendador, desde a chegada no aeroporto de Brasília até as honras de despedida, no dia 23, quando do regresso.

No mesmo dia da chegada a comitiva do Soberano Grande Comendador foi recebida, na Grande Loja Maçônica do Distrito Federal, pelo Grão-Mestre Irmão **Edelcides Lino de Melo**, 33°, e seu Eminentíssimo Grão-Mestre Adjunto, Irmão **Reginaldo G. Albuquerque**.

A seguir, o Soberano Grande Comendador participou de uma apresentação memorável dos



4





À esquerda, sob a abóbada, o Soberano Grande Comendador e o Grão Mestre da Grande Loja de Brasília. À direita e abaixo, flagrantes da Cerimônia de Investidura em Brasília.



Graus Escoceses, Simbólicos e Filosóficos, do 1º ao 33º, cuja apresentação envolveu todos os aspectos do Grau: paramentos, jóias, alfaias e explicações a respeito da moral de cada Grau. Encerrando a apresentação, foi servido um coquetel de confraternização.

No dia 22 o soberano Grande Comendador presidiu a Sessão Magna de Investidura ao Grau 33, no Templo da Associação Pentáclifa.

Como complemento da Solenidade de Investidura, foi servido um jantar de gala no Clube Naval para

os Novos Membros Honorários e seus familiares, ocasião em que o Grão-Mestre e Soberano Grande Comendador usaram da palavra para as formalidades de praxe. ▲





Presenças do Governador do Estado de Goiás e do Prefeito de Goiânia

175 anos de profícua existência

Maçons de diversas regiões do Brasil e do mundo reuniram-se em Goiânia, capital do estado de Goiás para celebrarem juntos os 175 aniversário do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito para a República Federativa do Brasil.

O histórico encontro se deu no período de 11 a 14 de março do corrente ano, ocasião em que pudemos nos confraternizar com delegações do Uruguai, da Bolívia, da Argentina e dos Estados Unidos da América, além daquelas vindas dos estados da federação, lideradas pelos seus Grão Mestres.

O dia 11 foi dedicado à recepção aos participantes, cujo coquetel de boas vindas a todos encantou.



6



O momento solene do hasteamento dos pavilhões no Palácio Mário Behring



Acima, os Grão-Mestres presentes à cerimônia comemorativa do 175º Aniversário do Supremo Conselho. Abaixo, a foto oficial da Investidura ao Grau 33, no dia 13.





No dia 12 foi inaugurado o **Palácio Mário Behring**, sede da Inspeção Litúrgica de Goiás. Trata-se de uma obra magnífica, tendo um apoio paisagístico a sua volta que a todos deslumbra. Na parte noturna foi realizada uma sessão conjunta com a Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás, com a presença de maçons do Grau 1 ao 33, esforço do nosso querido Irmão Paulo Silveira, Grande Inspetor Litúrgico do Distrito Federal.

O dia 13 foi dedicado inteiramente à reunião do Supremo Conselho, tratando-se de sua sessão ordinária, prevista pelo Estatuto e terminando com a investidura de meia



8

Um momento de descontração e harmonia, porque ninguém é de ferro!

centena de Irmãos ao grau 33 e o correspondente ágape de confraternização.

O dia 14, foi um dia de melancolia, pois aqueles Irmãos que em pouco tempo se reconheceram como amigos se separaram, porque os meandros da vida assim o exigem. Até outra oportunidade, meus queridos Irmãos, no ano que vem estaremos juntos em Recife, se Deus quiser, e Ele quer. ▲

Acima, à esquerda, a fachada do Palácio Mário Behring, sede da Inspeção Litúrgica de Goiás.

Acima, o Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica de Goiás e o Soberano Grande Comendador.



O Pensamento Vivo de Albert Pike

Moral and Dogma



Nota do Tradutor

O texto do Soberano Grande Comendador **Albert Pike**, depositado na Livraria do Congresso dos Estados Unidos da América, em 1871, não é um texto de fácil tradução por diversos motivos. O primeiro é que o autor tem um estilo difícil, quase sempre em linguagem indireta. O segundo foi atualizar o significado de alguns termos, alterado pelo tempo. Finalmente, conceitos abstratos são delicados de traduzir, porque envolvem o conhecimento desses conceitos à luz da época.

Assim, por mais que tenha evitado, alguns trechos não foram literalmente traduzidos para se facilitar a compreensão do leitor moderno e brasileiro. Peço desculpas pelas eventuais liberdades que se fizeram necessárias.

O texto seminal de Pike, por tudo o que representou para o *Rito Escocês Antigo e Aceito*, certamente merece ser conhecido pelos Maçons brasileiros, principalmente pela exortação ao aperfeiçoamento, ao altruísmo e aos melhores e mais dignificantes sentimentos humanos. Ignorá-lo é esvaziar o Rito de uma grande parte do seu significado. Se um Mestre Maçom precisa de algum incentivo para ir além na sua busca, apresentá-lo a **Albert Pike** pode bem abrir-lhe novos horizontes.

Eleito dos Nove – Grau 9

Tradução livre de J.W. Kreuzer Bach

Originalmente criado para recompensar a fidelidade, a obediência e a devoção, este Grau foi consagrado à bravura, à dedicação e ao patriotismo, tal como expresso nos juramentos e obrigações que você assumiu. Tudo está resumido num simples ditame: *"Proteja os oprimidos dos opressores; e dedique-se à honra e aos interesses de seu País"*.

Maçonaria não é *"especulativa"*, nem teórica, mas experimental; não sentimental, mas prática. Ela requer renúncia e autocontrole. Ela apresenta uma face severa aos vícios dos homens e interfere em muitos de nossos objetivos e prazeres. Penetra além da região do pensamento vago; além das regiões em que moralizadores e filósofos teceram suas belas teorias e elaboraram suas esplêndidas máximas, alcançando as profundezas do coração, repreendendo-nos por nossa mesquinhez, acusando-nos de nossos preconceitos e paixões e guerreando contra nossos vícios.

É uma luta contra paixões que brotam do seio dos mais puros sentimentos, um mundo onde preceitos admiráveis contrastam com práti-

cas viciosas, de bons ditados e más ações; onde paixões abjetas não são apenas refeedas pelos costumes e pelos cerimoniais, mas se escondem por trás de um véu de bonitos sentimentos. Este solecismo tem existido por todas as épocas. O sentimentalismo católico tem muitas vezes acobertado a infidelidade e o vício; A retidão dos protestantes apregoa, freqüentemente, a espiritualidade e a fé, mas negligencia a verdade simples, a candura e a generosidade; e a sofisticação do racionalismo ultra-liberal em muitas ocasiões conduz ao céu em seus sonhos, mas chafurda na lama de suas ações.

Por mais que exista um mundo de sentimentos maçônicos, ainda assim ele pode ser um mundo onde ela está ausente. Ainda que exista um sentimento vago de caridade maçônica, generosidade e desprendimento, falta a prática ativa da virtude, da bondade, do altruísmo e da liberalidade. A Maçonaria assemelha-se aí às luzes frias, embora brilhantes, nos céus setentrionais. Há clarões ocasionais de sentimentos generosos e viris, um esplendor fugaz de pensamentos nobres e ele-



9



vados, que iluminam a imaginação de alguns. Mas não há o calor vital em seus corações. Ele permanece frio e estéril como as latitudes geladas do Ártico. Eles nada fazem, não ganham vitória alguma sobre si mesmos. Não fazem progresso algum; permanecem imóveis no canto nordeste da Loja, do mesmo modo que primeiro ficaram como Aprendizes. Não cultivam Maçonaria com zelo, determinação e regularidade como fazem em suas profissões e para com outros interesses profanos. Sua Maçonaria se diluiu em sentimentos vagos e estéreis, desgraçadamente faltos de resultados práticos; perde-se em palavras ocas e clichês vazios.

Boa parte dos homens tem sentimentos, mas não princípios. Os primeiros são sensações temporárias, enquanto os últimos são como virtudes permanentemente impressas na alma para o seu controle. Os sentimentos são vagos e involuntários; não ascendem ao nível da virtude. Todos os têm. Eles brotam espontaneamente em cada coração. Mas os princípios são regras de conduta que moldam e controlam nossas ações. Pois é justamente neles que a Maçonaria insiste.

Nós aprovamos o que é certo, mas fazemos o que é errado; esta é a velha história das deficiências humanas. Ninguém encoraja ou aplaude injustiça, fraude, opressão, ambição, vingança, inveja ou calúnia; ainda assim, quantos daqueles que condenam essas coisas são culpados delas, eles mesmos. Não raro,

aquele que se indigna com histórias de injustiça, opressão e calúnia, ou que compadece dos injuriados, mesmo assim é capaz de proceder de forma injusta, opressora, invejosa, negligente ou caluniosa. Com que veemência usualmente o falto de recursos se indigna com a falta de espírito público dos outros!

Um grande Pregador disse bem: *"Homem, quem quer que sejas, se julgas, para ti não há desculpa, porque te condenas a ti mesmo, uma vez que fazes exatamente as mesmas coisas."*

É surpreendente ver como os homens falam das virtudes e da honra e não pautam suas vidas nem por uma nem por outra. Como é curioso ver com que facilidade os maus citam as Escrituras. Eles parecem confortar suas consciências podres usando belas palavras, enquanto eufemizam suas más ações com textos sagrados, distorcidos para servir a seus propósitos. Frequentemente, quanto mais um homem

fala de Caridade e Tolerância, menos ele tem delas; quanto mais fala das Virtudes, menos as possui. A boca exprime o que o coração deveria ter em abundância, mas quase sempre é o reverso do que o homem pratica. O desregrado e o lúbrico se expressam, em parte até com sinceridade, contra os vícios e os pecados. [...]

Na Loja, a Virtude e Vício são assuntos apenas de sentimento e reflexão. Ali há poucas oportunidades para a prática de qualquer deles; lá, os Maçons aceitam os argumentos com facilidade e prontidão até porque nada acontece a partir daí. É fácil, sem riscos, sentir algo a respeito. Mas amanhã, ao respirar a atmosfera mundana de ganhos e competição, quando as emoções são aguçadas pelas chances de prazeres proibidos, todos aqueles belos sentimentos sobre virtudes, toda sua repulsa generosa do vício e do egoísmo se dissolvem como as nuvens do amanhecer.

Por algum tempo, suas emoções e sentimentos são sinceros e reais. Os homens podem realmente, de um certo modo, interessar-se pela Maçonaria, mesmo que muito deficientes em virtudes. Não que seja sempre hipocrisia. Os homens rezam com fervor sincero e, ainda assim, constantemente cometem atos tão vis, tão egoístas e tão desonestos que nada devem àqueles julgados em nossos tribunais.

Um homem pode ser bom em geral e muito mau em particular: bom na Loja e ruim no mundo profano; bom em público e mau para com a família; bom em casa e mau num lugar estranho.

Muitos desejam sinceramente ser bons Maçons. Assim dizem e são sinceros. Mas se é preciso que resistam a certos estímulos, que sacrifiquem certos caprichos, que controlem seu apetite numa festança, ou que mantenham seu controle numa disputa, aí você verá que eles não desejam ser bons Ma-



cons naqueles casos particulares. Ou, se desejam, não conseguem resistir a seus piores impulsos.

Os deveres da vida estão acima dela própria. A lei impõe a cada cidadão o serviço a seu país acima mesmo de sua segurança pessoal. Como disse um grande escritor, se a um marujo foi dada a missão de levar suprimentos a uma cidade em dificuldades, então ele não pode lançá-los ao mar por medo de uma tempestade. Porque aqui deve prevalecer o que disse o Romano, quando tentaram impedi-lo de embarcar por causa do tempo ameaçador: *"Necesse est ut eam, non ut vivam"* – é preciso que eu vá, não que eu viva!

Como é ingrato aquele que morre mediocre, sem nada fazer que o glorifique para os Céus! Sua vida é como árvore estéril, que vive, cresce, exaure o solo e ainda assim não deixa uma semente, nenhum bom trabalho que possa gerar outro depois dele! Nem todos podem deixar alguma coisa para a posteridade da mesma forma. Mas todos podem deixar alguma coisa, de acordo com suas possibilidades e condições. Aquele que nada deixa é como o grão podre ou esturricado, do qual sequer uma única espiga há de brotar. Quem pretender alçar-se aos Céus, sozinho dificilmente encontrará o caminho.

A operosidade jamais é infrutífera. Se não trouxer alegria com o lucro, ao menos, por mantê-lo ocupado, evitará outros males. Há um anjo bom velando pela Diligência. Ele sempre carrega um laurel nas mãos para coroá-la. Como é indigno aquele que nunca fez nada, apenas viveu e morreu! Se temos liberdade para fazer qualquer coisa, devemos encará-la como uma dádiva dos Céus; se temos a predisposição de usar bem essa liberdade, então é uma dádiva da Divindade.

Maçonaria é ação, não inércia. Ela exige de sus iniciados que trabalhem, ativa e zelosamente, para o



benefício de seus Irmãos, de seu país e da Humanidade. É a defensora dos oprimidos, do mesmo modo que consola e conforta os desafortunados. Frente a ela, é muito mais honroso ser o instrumento do progresso e da reforma do que deliciar-se nos títulos pomposos e nos altos cargos que ela confere. A Maçonaria advoga pelo homem comum no que envolve os melhores interesses da humanidade. Ela odeia o poder insolente e a usurpação desavergonhada. Apieda-se do pobre, dos que sofrem, dos aflitos; E trabalha para elevar o ignorante, os que caíram e os desafortunados.

A fidelidade à sua missão será medida pela extensão de seus esforços e pelos meios que empregar para melhorar as condições dos povos. Entre eles, o principal e o bem ao alcance, é ajudar na educação das crianças dos pobres. Um povo inteligente, informado de seus direitos, logo saberá do poder que tem e não será oprimido. Porém, sem uma população firme e virtuosa, os enfeites que ornaram o topo da pirâmide não serão mais do que uma pobre compensação pela falta de solidez da base. Uma nação nunca estará segura se descansar no colo da ignorância. E se algum dia houve um tempo em que a tranquilidade pública foi assegurada pela ausência de conhecimento, esse tempo já morreu. A estupidez irrefletida não pode dormir sem apavorar-se pelos fantasmas e abalada por terrores. Melhorar a massa do povo é a grande garantia da liberdade popular. Se isso for negligenciado, todo o refinamento, a cortesia e o conhecimento acumulado nas classes superiores perecerão mais dia menos dia, tal como capim seco no fogo da fúria popular.

Não é a missão da Maçonaria engajar-se em tramas e conspirações contra o governo civil. Ela não faz propaganda fanática de qualquer credo ou teoria; nem se proclama inimiga de reis. Ela é o apóstolo da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade, mas é mais promotora do



republicanismo do que da monarquia constitucional. Não faz pactos com seitas de teóricos, utopistas ou filósofos. Não reconhece como seus iniciados aqueles que afrontam a ordem civil e a autoridade legal, nem aqueles que se propõem a negar aos moribundos o consolo da religião. Ela se coloca à parte de todas as seitas e credos, em sua dignidade calma e simples, sempre a mesma sob qualquer governo. [...]

A Maçonaria não apóia a anarquia nem a licenciosidade. Nem nenhuma ilusão de glória ou emulação do passado a inflama com a sede desesperada pelos ideais utópicos. Ela ensina que a retidão na vida e a sobriedade nos hábitos são as únicas garantias para a permanência da liberdade política, ativista pela santidade das leis e dos direitos da consciência.

A Maçonaria reconhece como verdade que a necessidade, assim como o direito abstrato e a justiça ideal, deve ter sua participação na elaboração das leis, na administração dos afazeres públicos e na regulamentação das relações da sociedade. Sabe o quanto a necessidade tem prioridade nas lidas humanas. Ela entende que, onde quer que os homens se tenham degradado, incapazes de autocontrole, tão baixos na escala humana que a eles não se tenha como confiar as altas obrigações da cidadania, a grande lei da necessidade, para a paz e a segurança daquela comunidade, requer que eles fiquem sob a responsabilidade daqueles de maior intelecto e sabedoria. Acredita e confia que Deus, em Seu tempo, cumpra seus grandes e sábios propósitos; e se predispõe a esperar onde não puder divisar seu caminho para um bem específico.

A Maçonaria espera e anseia pelo dia em que todos os povos, mesmo os mais retrógrados, se elevem e se qualifiquem para a liberdade política, quando, como com todos os males que afligem a terra, a pobre-

za, a servidão e a dependência abjeta não mais existirão. Mas não prega a revolução contra os que são partidários de reis, nem rebelião destinada ao fracasso e ao desastre, nem substituir um tirano por outro, nem uma déspota por uma multidão deles.

Onde quer que um povo se capacite à liberdade e a governar-se a si próprio, aí residem as simpatias da Maçonaria. Ela detesta o tirano, o opressor sem lei, o usurpador militar e aquele que abusa do poder da lei. Ela detesta a crueldade e o desrespeito aos direitos da humanidade; do mesmo modo que abomina o empregador desumano, exerce sua influência para aliviar os sofrimentos que a pobreza e a dependência impõem ao trabalhador e para promover os sentimentos de humanidade e bondade que o homem deve mesmo ao mais humilde e desafortunado de seus semelhantes.

A Maçonaria jamais será instrumento de tolerância para com a maldade, de enfraquecimento moral ou de depravação e brutalização do espírito humano. O medo da punição jamais fará do Maçom um cúmplice para corromper seus com-

patriotas nem um instrumento de depravação e barbarismo. Onde quer que seja, como já aconteceu, se um tirano mandar prender um crítico mordaz para que seja julgado e punido, caso um Maçom faça parte do júri, cabe a ele defendê-lo, ainda que à vista do cadafalso e das baionetas do tirano.

Ainda que todas as leis e liberdades fossem pisadas sob jacobinos demagogos ou bandidos com poder militar e grandes crimes fossem prepotentemente perpetrados contra aqueles que deveriam ser objeto de veneração pública; ainda que o povaréu, desrespeitando as leis, urrasse ao redor dos tribunais, demandando o sangue de quem a ele se tornasse odioso por palavras ou atos corajosos, porém impopulares, o jurado Maçom, sem se deixar intimidar pela tirania de uma ou de muitas cabeças, deverá, consultando apenas os ditames do dever, colocar-se nobre e firmemente entre as feras humanas e sua presa.

O Maçom prefere passar sua vida oculto no recesso da penumbra, alimentando o espírito com visões de boas e nobres ações do que ser colocado no mais resplandescente dos tronos e ser impedido de realizar o que deve.

Se ele tiver dado o menor impulso que seja a qualquer intento nobre; se ele tiver acalmado ânimos e consciências, aliviado o jugo da pobreza e da dependência ou socorrido homens dignos do grilhão da opressão; se ele tiver ajudado seus compatriotas a obter paz, a mais preciosa das possessões; se ele cooperou para reconciliar partes conflitantes e para ensinar aos cidadãos a buscar a proteção das leis de seu país; se ele fez sua parte, junto aos melhores e pautou-se pelas mais nobres ações, ele pode descansar, porque não viveu em vão.

A Maçonaria ensina que todo poder é delegado para o bem e não para o mal do Povo, e que, quando pervertido de seus propósitos originais, o tratado está rompido e o direito deve ser reencontrado. A re-





*Supremo Conselho do Grau 33
do Rito Escocês Antigo e Aceito
da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil*

Fundado em 12 de março de 1829

**Pevisão Orçamentária
2004**

**Balanço Anual
31 de dezembro de 2003**

Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito
da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

Fundado em 12 de março de 1829

PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA PARA 2004

	Previsão 2004	Realizado 2003
DESPESAS OPERACIONAIS		
DESPESAS GERAIS		
Consumo de material litúrgico	110.202,00	91.835,65
Água e Esgoto	12.110,00	10.092,69
Correios e Telégrafos	80.247,00	66.873,52
Taxas, Contribuições e Emolumentos	11.728,00	9.774,91
Material de Limpeza	5.540,00	4.617,00
Telefones e Telegramas	59.142,00	49.285,83
Material de Expediente	39.954,00	33.295,02
Vigilância e Segurança	91.090,00	75.909,41
Representação e Recepção	130.293,00	108.828,14
Lanches e Refeições	6.966,00	5.805,66
Assinatura de Jornais e Revistas	300.195,00	250.163,19
Viagens no País	24.010,00	20.009,11
Viagens no Exterior	68.919,00	57.433,37
Eventos e Festividades	74.983,00	62.486,00
Seguros	19.126,00	15.939,59
Despesas de Condução	16.714,00	13.929,20
Manutenção e Reparos Imobilizados	41.701,00	34.751,29
Despesas com Carnê	60.013,00	50.111,64
Assistência Internacional de Saúde	187.296,00	156.080,70
Luz / Energia	44.106,00	35.755,38
Despesas Financeiras	64.004,00	53.337,37
Gastos Diversos	<u>23.727,00</u>	<u>19.772,59</u>
	1.472.366,00	1.226.087,26
DESPESAS COM PESSOAL		
Salários	217.833,00	181.528,67
Férias e Abonos de Férias	28.741,00	23.951,34
13º Salário	22.861,00	19.051,79
Horas Extras, Repouso e Adicional Noturno ...	<u>18.828,00</u>	<u>16.143,51</u>
	288.263,00	240.675,31
ENCARGOS TRABALHISTAS		
INSS	72.436,00	60.364,47
FGTS	26.697,00	22.248,94
Despesas de Vale Transporte	36.410,00	30.342,05
Despesas de Vale Refeição	48.016,00	40.014,47
Seguros	3.315,00	2.763,35
PIS S/Folha	<u>2.713,00</u>	<u>2.752,02</u>
	189.587,00	158.485,30
Totais das Despesas	1.950.216,00	1.625.247,87



2

Francisco Antônio Gonçalves Dias
Grande Tesoureiro do Santo Império

Sheila A. C. da Silva
CRC RJ - 065791/0-0

**Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito
da Maçonaria para a República Federativa do Brasil**

Fundado em 12 de março de 1829

PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA PARA 2004

	<u>Previsão 2004</u>	<u>Realizado 2003</u>
RECEITAS		
RECEITAS ADMINISTRATIVAS		
Taxa Per-Capita.....	1.197.366,00	997.805,20
RECEITAS LITURGICAS		
Taxa de Iniciação	821.101,00	684.251,00
Taxa de Investidura Grau 33	155.520,00	129.600,00
Taxa de Regularização	14.198,00	11.832,00
Taxa de Reembolso de Material	43.718,00	36.432,00
	<u>1.034.537,00</u>	<u>862.115,00</u>
RECEITAS DIVERSAS		
Taxa de Manutenção	25.260,00	21.050,00
Receitas Financeiras	50.908,00	42.424,81
Receitas a classificar	212.292,00	176.910,74
Outras receitas	98.053,00	81.711,13
	<u>386.513,00</u>	<u>322.096,68</u>
RESUMO		
DESPESAS		
Despesas Operacionais	1.472.366,00	1.226.087,26
Despesas com Pessoal	288.263,00	240.675,31
Encargos Trabalhistas	189.587,00	158.485,30
	<u>1.950.216,00</u>	<u>1.625.247,87</u>
RECEITAS		
Receitas Administrativas (Captação)	1.197.366,00	997.805,20
Receitas Litúrgicas (Iniciações)	1.034.537,00	862.115,00
Receitas Diversas	386.513,00	322.096,68
	<u>2.618.416,00</u>	<u>2.182.016,88</u>

*Procedimentos para elaboração deste relatório:
Acréscimo de 20% sobre as despesas e receitas efetivamente realizadas no
exercício de 2003*

Francisco Antônio Gonçalves Dias
Grande Tesoureiro do Santo Império

Sheila A. C. da Silva
CRC RJ - 065791/0-0



3

*Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito
da Maçonaria para a República Federativa do Brasil*

Fundado em 12 de março de 1829

BALANÇO ANUAL REALIZADO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2003

		<u>A T I V O</u>	
CIRCULANTE			
DISPONÍVEL			
Caixa	240,11		
Bancos C/Movimento	269.536,55		
Aplicações Financeiras c/Prazo	287.456,30		557.232,96
REALIZÁVEL CURTO PRAZO			
Inspetorias Litúrgicas	2.800,00		
Material Litúrgico de Consumo	120.608,29		
Adiantamento a Terceiros	<u>62.126,00</u>		185.534,29
PENDENTE			
Despesas de Exercício Futuro			28.505,25
PERMANENTE			
IMOBILIZADO			
Móveis e Utensílios	445.570,00		
Veículos	51.358,81		
Marcas e Patentes	951,00		
Imóveis	1.382.896,41		
Novas Instalações	1.706.463,88		
Máquinas, Aparelhos e Equipamentos	110.450,21		
Reformas e Recuperações Imobiliárias	<u>210.357,08</u>		3.908.047,39
Total de Ativo			<u>4.679.319,89</u>
		<u>P A S S I V O</u>	
CIRCULANTE			
OBRIGAÇÕES			
Fornecedores	10.400,00		
Taxas, Encargos e Emolumentos	10.193,82		
Inspetorias Litúrgicas/Saldo a Favor	<u>980,60</u>		21.574,42
PENDENTE			
Receitas de Exercício Futuro			38.329,00
PATRIMÔNIO			
Patrimônio Líquido	3.624.042,89		
Contribuição Fundo Nova Sede	134.166,63		
Reservas P/Novas Instalações	<u>861.206,95</u>		4.619.416,47
Total de Passivo			<u>4.679.319,89</u>

Francisco Antônio Gonçalves Dias
Grande Tesoureiro do Santo Império

Sheila A. C. da Silva
CRC RJ - 065791/0-0



A Liberdade Guando o Povo; quadro do pintor francês Eugène Delacroix (1798-1863)

sistência ao poder usurpado não é meramente um dever que o homem deve a si próprio e a seu vizinho, mas uma obrigação que ele deve a seu Deus para restabelecer e manter a posição que Ele lhe confiou na criação. Este princípio nem a rudeza da ignorância pode sufocar nem os atavios do refinamento podem extinguir. Por ele, torna-se vil o homem que se sujeita ao invés de agir. E, do mesmo modo, por ele o homem se preserva dentro dos desígnios da Providência, desprezando as pretensões arrogantes dos tiranos e fazendo valer a qualidade independente da raça de que faz parte.

O Maçom sábio e bem informado dedicar-se-á à Liberdade e à Justiça. Estará sempre pronto a lutar em sua defesa, onde quer que elas existam. Não será nunca indiferente a ele quando a Liberdade a sua ou a de outro homem de mérito estiver ameaçada. Mas sua dedicação será à causa do homem, não apenas do

Os artistas, de modo geral, sempre foram adeptos fervorosos das liberdades. Este quadro de Delacroix, de 1830, foi inspirado pela revolução que levou Louis Philippe ao trono da França.

país. Onde quer que haja um povo que entenda o valor da justiça política e que esteja preparado para afirmá-la, esse é seu país. Onde quer que ele possa contribuir para a difusão desses princípios e para a verdadeira felicidade da humanidade, esse é seu país. Porque ele não deseja para qualquer país nenhum outro benefício que não a justiça.

O verdadeiro Maçom identifica a honra de seu país com a sua própria. Nada conduz mais à glória e à beleza de um país do que ter a justiça administrada a todos de igual modo, a ninguém negada, vendida ou preterida. Igualmente, também que o bem estar dos pobres mereça cuidados, que ninguém seja aviltado pela fome, pela falta de moradia ou de emprego; que a criança e a pobre mulher não sejam obrigadas ao trabalho desumano nem lhes seja

negados alimento. E, enfim, que as leis de Deus de amor, misericórdia e compaixão sejam estabelecidas universalmente, não pelos estatutos frios, mas pela vontade da opinião pública.

Aquele que persiste, quase sempre enfrentando a crítica, a oposição e, principalmente, a apatia e a indiferença, para que as Leis Divinas se apliquem a todos, esse não é menos patriota do que aquele que luta de peito aberto nas fileiras dos soldados de sua pátria.

A Perseverança e a Coragem não resplandecem apenas nos campos de batalha, mas também naqueles que mostram sua energia em cada dificuldade e contra cada agressor. Aquele que luta contra a crueldade, a opressão e os abusos, luta também pela honra de seu país, que essas

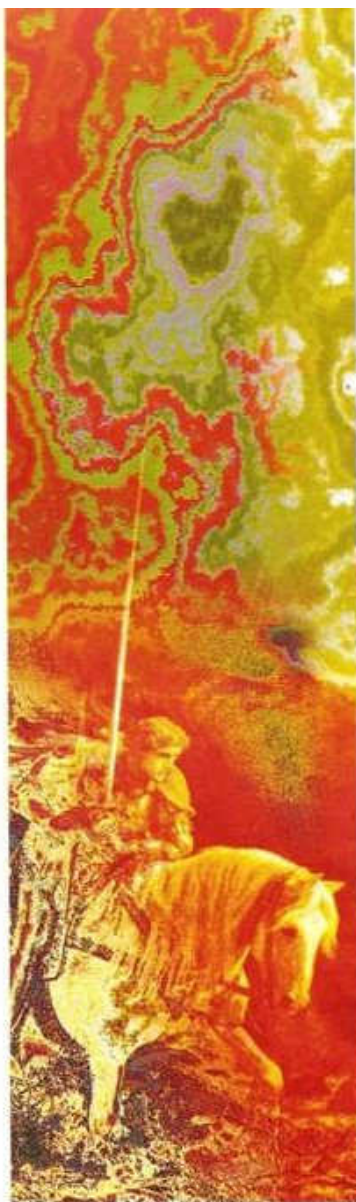


coisas maculam. E a honra de um país é tão importante quanto a sua existência. Muitas vezes, a luta contra os abusos que desgraçam um país traz mais perigos e desencoraja muito mais do que enfrentar inimigos no campo de batalha e merece igual ou maior reconhecimento.

Os gregos e romanos que nos causam admiração quase nunca precisaram de outra virtude, para extirpar tiranos, do que o amor pela liberdade. Foi esse amor que os levou a tomar a espada e deu-lhes a força para usá-la. [...]

O que que investe contra os abusos, tendo as leis como muralhas a defendê-los, ou o que que denuncia atos de crueldade e de ofensas à humanidade, a quem o ofensor toma como inimigo pessoal e a quem muitos em redor tomam por suspeito, por perturbador da ordem estabelecida, sem levar em conta que ele combate apenas os abusos e não as leis; esse não deve esperar recompensa nem que o laurel do reconhecimento venha adornar sua frente. E se, ao lutar contra opiniões arraigadas, superstições, oposição e temores a quem os homens temem mais do que o mais do terrível dos exércitos, o Maçom emerge vitorioso ou, caso contrário, é vencido pela corrente poderosa de preconceitos, paixões e interesses, em ambos os casos sua grandeza de espírito merece mais do que a mediocridade da fama.

Já viveu muito aquele que sobreviveu à ruína de seu país; e aquele que vive contente depois de um evento como esse não mereceu ter vivido. Como não merece aquele que olha com complacência os abusos que desgraçam, as crueldades que desonram e as cenas de miséria que brutalizam e desfiguram seu país. Ou que aceita seu país ter-se transformado em sinônimo odioso de mesquinhez e iniquidade, desprezado pelo concerto das nações, sem que ele nada tenha feito para prevenir ou corrigir.



Não é comum que um país vá à guerra, nem todos podem ter o privilégio de sacrificar-se por ele. Por isso, é nos labores patrióticos da paz, para impedir o mal ou repará-lo, que todos os Maçons devem unir-se, cada um dando seu quinhão para repartir a glória dos resultados.

Os nomes cardeais na história do homem são poucos e podem ser contados facilmente. Mas milhares, milhões mesmo, passam seus dias na preparação dessas mudanças, reunindo e preparando os materiais aos quais a Divina Inspira-

ção dará luz e brilho para efetua-las. Sem conta são os pioneiros, os artesãos e engenheiros que auxiliam a marcha do intelecto. Muitos vão à frente, abrindo caminhos para as carruagens e derrubando obstáculos que obstruem sua passagem. Esses têm sua recompensa, porque se trabalharem fiel e diligentemente, gozarão do contentamento que premia os trabalhos mais pesados. [...] Porque, quando a vitória for finalmente alcançada, eles participarão da glória, como o mais humilde dos guerreiros de Maratona foram partícipes da glória da Grécia, para orgulho dos seus pares, dos seus familiares e de seus amigos. E se ele caiu em batalha, se seu lugar à mesa ficou vago, esse lugar tornou-se sagrado, do mesmo modo que dele se falará nas longas noites de inverno. E sua família será tida por afortunada, porque tem um herói que deu sua vida na defesa de seu país.

Lembre-se de que a vida não é medida por suas horas e dias, mas pelo que fizemos em prol de nossa terra e nossos semelhantes. Uma vida inútil é curta, mesmo que dure cem anos; mas a de Alexandre foi tão longa quanto a de um carvalho, ainda que ele tenha morrido aos trinta e cinco anos. Podemos fazer muito em cinco anos e nada em toda uma vida. Se apenas comemos, bebemos, dormimos e deixamos tudo seguir do jeito que der, ou se vivemos apenas para amealhar riquezas, ganhar posições ou ostentar títulos, é como se nem tivéssemos vivido não temos o mínimo direito à imortalidade.

Não se esqueça, então, daquilo a que você se devotou neste Grau: defenda o fraco contra o truculento, o destituído contra o poderoso, o oprimido contra o agressor! Mantenha-se vigilante quanto aos interesses e à honra de seu país! E possa o Grande Arquiteto do Universo dar-lhe a força e a sabedoria para mantê-lo firme em seus altos propósitos! ▲





Grande Inspetor Inquisidor Comendador - Grau 31°

Walnyr Goulart Jacques, 33o

O Consistório de Príncipes do Real Segredo do Rito Escocês é o organismo hierarquicamente maior do Rito em uma região. Sua legítima função é congregar os Maçons simbolicamente aperfeiçoados para o desempenho administrativo dos demais Corpos.

Por que os Graus do Consistório denominam-se Graus Administrativos?

O Rito Escocês é um caminho longo, seriado e vivenciado com liberdade austera, Grau a Grau, para conduzir o adepto ao necessário aperfeiçoamento moral e intelectual. Assim, o Maçom é burilado e adaptado ao trabalho, dentro das metas maçônicas, com rigorosa observância dos princípios. Quer dizer, universalmente a Maçonaria é uma só e se preocupa na manutenção da uniformidade dos usos e costumes, do vocabulário, dos procedimentos e postura dos dirigentes, que devem reger dentro das normas do bom senso, da moral e da ética. Face a esses condicionamentos, acontecerá o preparo do homem Maçom.

Compreenda-se, então, que todo ensinamento ditado pelo Rito Escocês, desde o Grau de Aprendiz, diz respeito ao preparo do iniciado, que deve bem assimilá-lo até o último Grau, para compreensão da hierarquia, da organização e da disciplina; e também observados os procedimentos e posturas, que devem ser irreprensíveis, despojados de interesses pessoais que possam vir em prejuízo de outrem.

Pois este Corpo, o Consistório, é a reserva moral que deve existir em todas as circunstâncias, em todos os Corpos onde o Rito esteja, para cumprimento de boas administrações.

É importante, também, agora que vos encontrais no Corpo mais elevado do Rito, que repisemos fatos históricos que motivaram medidas drásticas, como as razões por que devem existir segredos, mistérios e mais discrições entre os Corpos Simbólicos e Filosóficos.

O segredo que a Instituição exige não significa somente quanto aos métodos de identificação, como imaginam os incipientes, mas em

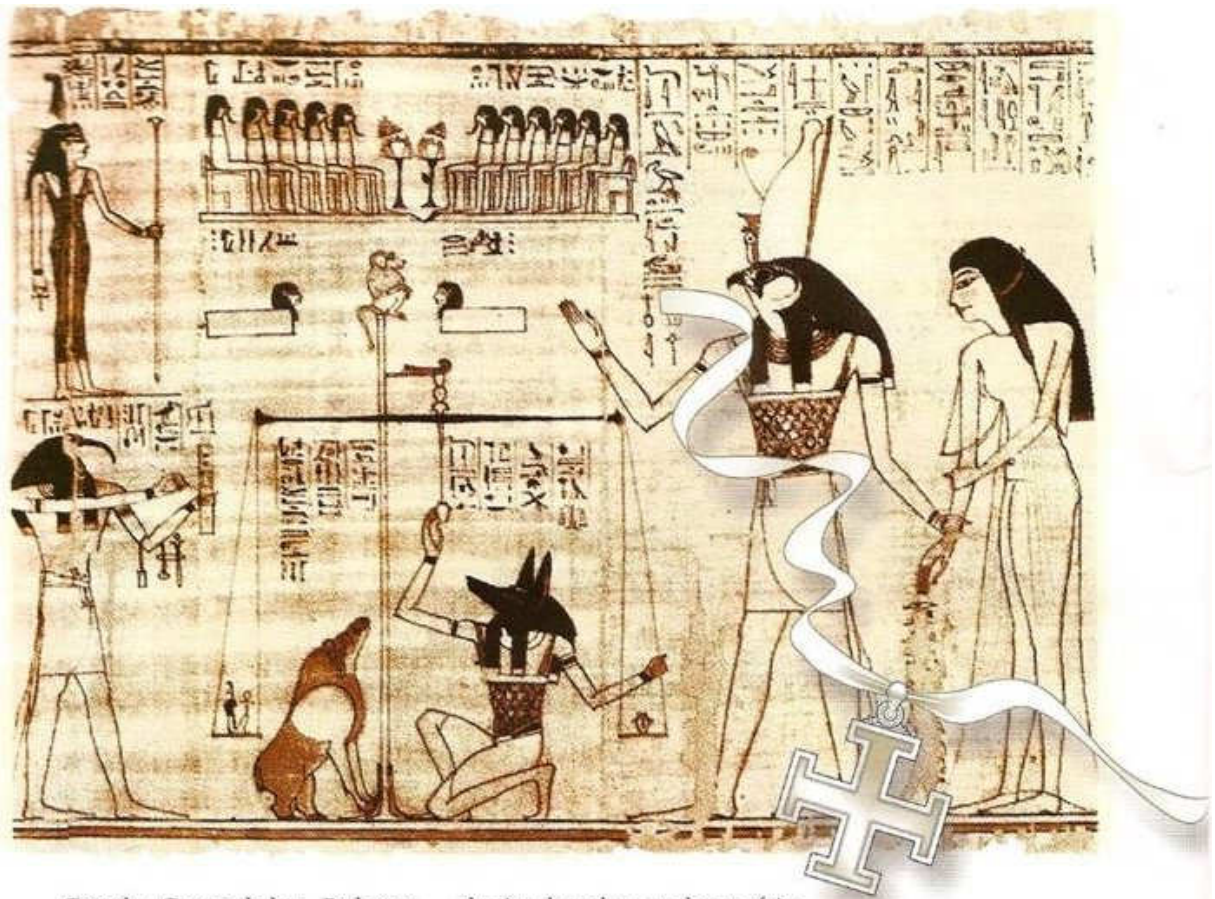
saber guardar no seu íntimo tudo que é primordial e que se relaciona ao conhecimento adquirido gradualmente, só podendo ser transmitido oficialmente em Loja.

O Supremo Conselho do Grau 33° do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil nasceu, independente e soberano, a 12 de março de 1829. Uniu-se ao Grande Oriente do Brasil em 1854 e separou-se em 1927, por razões de irregularidade no organograma institucional quanto à direção das Potências e outros aspectos importantes da regularidade, que conflitavam universalmente com as leis, usos, costumes e tradições.

O choque na cisão foi violento e traumático, chegando-se à conclusão da necessidade da separação não só física dos Corpos Simbólico e Filosófico, mas ainda na maneira conceitual e procedimentos, a fim de evitar-se a repetição dos equívocos anteriores. Coube aos Grandes Inspetores Gerais do Rito a enorme tarefa, em cada Estado da Federação, de implantarem as normas ditadas pelo então Soberano



15



Grande Comendador, Poderoso Irmão Mário Marinho de Carvalho Behring, de como proceder em momento tão delicado da vida maçônica brasileira.

Feita essa digressão ao que nos foi determinado, retornemos ao tema principal do nosso pronunciamento, que é a Iniciação ao Grau 31°.

Meus caros Grandes Inspectores Inquisidores, agora fazeis parte de um seletto tribunal e nele chegastes implorando por Justiça.

Diz o Dicionário Enciclopédico de la Masoneria., de Don Lorenzo Frau Abrines e Don Rosendo Arus Arderiu, que a "Justiça é a Verdade em Ação. E acrescentam mais os autores: "o tirano dirá que a justiça é o que a lei prescreve; o filósofo sustentará que a Justiça é o que a consciência dita; e o político afirmará que a Justiça é o que a inteligência proclama como mais conveniente."

Porém, os próprios autores sustentam que a Verdade é que isentará

alguém de todo e qualquer efeito, ao proclamar-se a Justiça; pois que só a Verdade em Ação é que constitui a Justiça, uma vez que a Ação não é um sentimento abstrato, senão de aplicação continuada. Eis como vê o Maçom.

Ainda será preciso considerar-se que ao homem não é dado alcançar a Verdade Absoluta, já que a Verdade de cada um encontra-se na razão direta das provas e do exercício da consciência individual. E mais: não acontecerá a Justiça Perfeita sem a Igualdade, eis por que o Grande Juiz Inquisidor Comendador faz parte de um Tribunal Intitulado Muito Equitativo, posto que a Equidade significa a retidão de quem á equitativo, isto é, Reto e Justo.

Essa Equidade é o princípio natural, que dita a consciência ilustrada para julgar os casos imprevistos ou modificados por circunstâncias especiais, não pertencendo às leis vigentes.

No dia do julgamento final, o deus-chacal Anubis, ajoelhado, pesa o coração do morto, que deveria pesar menos do que a pena de Maat, a deusa da Verdade e da Justiça.

É preciso compreender-se, ainda, que somente enquadrar o ocorrido na lei e dar o veredicto pode tranquilizar o julgador, mas não significará, jamais, que a Justiça real e verdadeira foi feita, porque a lei elaborada pelo homem pode ser falha, como faláveis somos todos nós. Pode, sim, tranquilizar formalmente o julgador, porém nunca sob o ponto de vista da moral maçônica, obrigação do Maçom.





Esse Tribunal, composto de Grandes Juizes Inquisidores, não se satisfará sem uma indagação, sem uma investigação, sem uma pesquisa profunda, a fim de conformar-se a legítima função do Juiz do Tribunal de Inquisição, que tem a obrigação de inquirir, indagar, investigar, pesquisar.

Muitos crimes hediondos ocorreram em nome de Deus, de ideais políticos e de descobertas científicas, todos incursos como contra os princípios religiosos. E a função verdadeira de um Tribunal de Inquisição era julgar crimes contra a fé católica para reprimir a heresia, por isso chamado Tribunal Eclesiástico.

O Tribunal denominado "Santa Vehme" existiu na realidade, criado na Idade Média, com o

intuito de julgar, exatamente, esses crimes eclesiásticos e compostos de nove membros. Não obstante os propósitos nobres, a história conta que sua atividade foi deturpada, chegando a ter atividade injusta, caindo, posteriormente, na ilegalidade.

Faz-se mister salientar o aspecto simbólico do Tribunal, quanto à sua composição de nove membros, por significarem, de acordo com a Lenda Hirâmica, os nove Mestres Eleitos por Salomão, para procurarem o corpo de Hiram e que, posteriormente, deram origem ao 9º Grau do Rito, Cavaleiro Eleito dos Nove. Esotericamente, simbolizam os nove meses do ano que compõem, no hemisfério Sul, as estações da primavera, do verão e do outono, que permitem o revigoramento da natureza, ao passo que os três meses faltantes representam, junho, julho e agosto, o inverno, quando a natureza

A pena de avestruz que Maat, filha de Rah, o deus-sol, usava na cabeça era a medida para o julgamento das almas. Estas, se não estivessem alvas como o avelal do Grau, eram condenadas à eliminação.

se abate ante a intempérie hibernal que prejudica os seres vivos. Estes três meses simbolizam, na Lenda de Hiram, Jubelus, Jubela e Jubelum, que assassinaram o Mestre. Frise-se que Hiram significa "homem de vida elevada".

Muito Equitativos Juizes, a análise judiciousa de vossos pensamentos e obras de todos os dias, passarão a ser vossa tarefa no Tribunal Íntimo da vida de cada um, a fim de agregar novas luzes como guia da vossa vida. Vosso Tribunal Interno iluminará vosso caminho, eis a missão que vos aguarda. ▲



17



Sonho

Ney Lisboa de Miranda 33º

Delegado da 1ª Inspeção Litúrgica do Paraná e Deputado do Grão Mestre da Grande Loja do Paraná.

Após um dia de intenso trabalho na sede da Grande Loja do Paraná, feliz e satisfeito por ter concluído as tarefas do dia, fui levado pelo desejo de chegar o mais rápido possível em casa, para gozar das delícias de momentos maravilhoso em companhia dos melhores amigos. Pensava, com eles, discutir sobre a filosofia maçônica, tão do agrado de todos nós, amantes dos ensinamentos preconizados pelos grandes e dedicados mestres da Arte Real.

Naturalmente, estava contando com a ausência dos meus familiares, que foram visitar a mãe da minha esposa. Assim, eu estaria só. Satisfeito, abri a porta e parei na soleira. Procurei ouvir o silêncio que tanto estava ansiando por desfrutar. Dirigi-me até a estante e de lá

me apropriei de um volume intitulado Fraternidade Branca, escrito por **Charles Webster Leadbeater**, o grande Maçom místico.

Com todo o cuidado e carinho, segurei o livro com as mãos e, por intuição, escolhi a sacada existente na sala de estar, com frente para a rua e ampla vista para o lado norte da cidade de Curitiba. A visão que se descortinava era maravilhosa. As construções de alvenaria disputavam espaço com o verde das árvores carregadas de flores. Era a mais linda das estações do ano, a primavera!

Sentei na minha cadeira predileta, olhei o horizonte e mentalmente agradei ao Grande Arquiteto do Universo pelo lindo espetáculo que me estava proporcionando naquele momento. Iniciei e leitura com

apetite devorador, especial. A obra escolhida trazia, em seu bojo, conceitos expendidos por colaboradores no campo do misticismo, luminares assombrosos de Leadbeater, Helena Blavatsky e Annie Besant. Elas muito contribuíram para o desvendamento desse misticismo que ainda hoje causa curiosidade a muitas pessoas.

Acreditando que haviam passado apenas quinze minutos, os meus sentidos foram despertados pelo tili-talar do telefone. Consultei o relógio de pulso e verifiquei o engano. Os ponteiros marcavam vinte horas. Acordem, eu nem havia percebido que o tempo passara.

Acendi ao telefone, com aquele característico "alô"! Uma voz masculina indagou-me:

– É da residência do Sr. Ney?

– Sim, respondi.

– Boa noite, meu Irmão, aqui quem está falando é Leadbeater. Tenho imenso prazer em falar com você!

Confesso que fiquei aturdido. Leadbeater, falando comigo e ao telefone?



18

O grande Mestre deixou o nosso mundo em meados do século dezanove! Como poderia ele estar ao telefone e conversar comigo? Parecia um sonho! Gaguejei e pude simplesmente dizer:

– Muito prazer, Irmão Leadbeater! Sinto-me honrado em ouvi-lo!

Ele continuou.

– Estou telefonando para fazer-lhe um convite, e espero que não recuse, pois me dará muito prazer que jantemos juntos, exatamente neste dia em que a felicidade está sendo derramada em todos os corações pelo Grande Arquiteto do Universo. Nós também fomos aquinhoados pelas mesmas bênçãos do Maior dos Geômetras, Construtor do Cosmos.

Naturalmente, aceitei. Mas, somente pude dizer:

– Aceito o convite!

– Em meia hora, mandarei buscá-lo. Portanto, apresse-se, sim!

Na verdade, eu não sabia em que acreditar. Intrigado, várias vezes balancei a cabeça, como para afastar os pensamentos que envolviam a mente. Belisquei-me, mas sentia-me acordado.



O tempo passou rapidamente. Como num passe de mágica, eu já estava pronto para receber o meu acompanhante e com ele seguir ao encontro do Irmão Leadbeater.

O interfone foi acionado, atendi-o, ouvi uma voz que se anunciou, dizendo-se ter sido mandado pelo Sr. Leadbeater, para conduzir o Sr. Ney à presença do seu patrão. Informei estar descendo. Vesti o paletó e fui ao encontro do meu condutor.

À porta encontrei um personagem trajado com casaca preta, cartola de feltro, botas e culote branco, características dos condutores dos coches usados na velha Europa para transporte de pessoas importantes dos países do antigo continente. Fui recebido com uma saudação cerimoniosa do condutor, dirigindo-me um cordial cumprimento.

– Boa noite!

– É o Sr. Ney?

– Sim, respondi.

– Queira acompanhar-me.

E indicou-me a direção de uma caruagem, seguindo-me um passo atrás. Ao chegarmos próximo, ele tomou a frente, baixou o estribo e abriu a porta. Com um gesto, indicou-me para que embarcasse no veículo.

O interior era deslumbrante, todo de veludo acetinado de cor vermelha, próprio da época.

Acomodei-me. A porta foi fechada, o cocheiro estalou o seu chicote, com a exclamação própria:

– Eia, vamos!

Os cavalos puseram-se em movimento. Eram dois animais ferozes, brancos, cujos arreios, ornamentados com peças de prata, reluziam quando iluminados com as luzes das lanternas das ruas pelas quais passávamos.

Charles W. Leadbeater, 33º,
autor de *La Coté Occulte de la Francmaçonnerie* e *Glimpses of Masonic History*



Erato, musa da poesia, cópia romana de estátua grega

Após um trajeto que de quarenta e cinco minutos, o cocheiro segurou os cavalos com um:

– Ouuu... cavalinhos!

Desceu da boléia e abriu a porta do coche. Estávamos em frente ao Restaurante *Modelo de Virtude*, localizado na Praça Liberdade, Igualdade e Fraternidade, esquina com a Rua Fé, Esperança e Caridade.

Era um prédio majestoso, todo branco, com duas grandes colunas de bronze delineando a entrada, uma à direita e a outra à esquerda. De ordem grega de arquitetura, enfeitavam o portal cerrado por uma porta de carvalho, impedindo que transeuntes pudessem perceber o que se passava no seu interior.

À frente das colunas vestibulares, estava um porteiro, mas parecendo, pelo traje, um guarda externo com a missão de embargar o ingresso de quem não portasse convi-



te especial.

Em companhia do condutor, aproximamo-nos e o cocheiro, tomando a dianteira, disse:

– Este senhor é o convidado do Sr Leadbeater.

Olhou-me de cima a baixo, como com curiosidade. Fez um meneio de cabeça e disse-me:

– Acompanhe-me, o Sr Leadbeater o aguarda na mesa número trinta e três.

Número trinta e três, logo o número místico! Mais uma vez, fui envolvido por agradável surpresa. Balbuciei:

– ... trinta e três, que número maravilhoso.

Ingressamos no local. Era extraordinário, como nunca tinha visto, um salão imenso, com duas alas de cadeiras e mesas, dispostas umas à frente das outras, como um intervalo entre elas. No meio do salão, estava colocada uma pequena mesa, de formato triangular, e sobre ela um livro de capa preta, aberto. Sobre ele, estavam dois instrumentos que me pareceram ali esquecidos por algum arquiteto, engenheiro, desenhista ou “pedreiro”. Mas o que chamou a minha atenção foi que a dita mesa era iluminada por três luzes, dispostas em formato triangular.

O salão parecia orientado, a parte da entrada como se ficasse no lado oeste e, no lado oposto, havia uma edificação mais elevada, ornamentada diferentemente. Ali, a luz resplandecia com intensidade, apresentando um tom azul celeste, tão agradável à vista que me deixou comovido.

Apontou a mesa. Dirigi os olhos na direção. Pude ver uma pessoa,

sentada de costas para a entrada, com cabelos encanecidos e barbas longas, da mesma cor. Chegamos. Meu acompanhante anunciou:

– Sr Leadbeater, eis aqui o seu convidado!

Olhou-me e esboçou um sorriso encantador. Levantou-se e estendeu sua destra. Ofertei a minha, que apertou com força. Apontou a cadeira à sua frente, para que me sentasse. Sentei-me.

Nesse instante, a nossa atenção foi despertada pela voz de um cidadão, que, como um mestre de cerimônias, anunciava a programação.

Simultaneamente, aproximou-se o deus Baco, portando uma ânfora dourada e cravejada de brilhantes e, nas duas taças que já se encontravam sobre a mesa, depositou um pouco de vinho feito com amoras silvestres. Leadbeater tomou a taça e experimentou a bebida. Demonstrou conhecimento.

Olhou satisfeito para Baco e estendeu a taça para que fosse completado, no que foi atendido. Em seguida, a minha taça também.

O mestre de cerimônias anunciou que, naquela noite, nós seríamos brindados como uma apresentação musical, com certeza do agrado de todos os presentes. Teríamos a apresentação de um coral, composto por cinco lindas jovens de vozes inigualáveis. Elas encantariam o público com canções maravilhosas, com sons como se provindo de criaturas angelicais, tal era a harmonia com que sempre vinham se apresentando em oportunidades semelhantes. Essas virtuosas do canto seriam acompanhadas por três dos maiores músicos de todas as épocas, inigualáveis em suas habilidades musicais.

Sob uma intensa salva de palmas, ingressaram as jovens, que mais pareciam cinco anjos descidos do céu, como na lenda de Jacob. No palco,



20

Baco, ou Dionísio para os gregos, era o pacífico deus do vinho e do prazer, mas também dos mistérios da morte e do além.



As três Graças, afresco italiano do século XVI

havia um piano de cauda, esperando que mãos hábeis viessem acariciar suas teclas brancas e pretas. Estas, em quantidade, poderiam lembrar-nos da heterogeneidade da humanidade, com suas diferentes formas de ação dentro da sociedade em que vivemos.

Colocaram-se alguém do piano. Ainda sob palmas, o mestre de cerimônias deu início às apresentações. A primeira, disse, é uma Pitonisa, cujo poder é decifrar os augúrios dos inúmeros consulentes, seguidores de Dionísio, que, por meio de rituais místicos, desejam conhecer o futuro de suas vidas. A segunda, apresentou-a como uma Sibila, virgem do Templo de Apolo, encarregada de conservar acesa a chama sagrada de beleza da natureza pura, em sua plenitude, obra majestosa do *Grande Geômetra*, construtor do Universo. A terceira, linda moça, que trajava-se com uma vestimenta de um branco imaculado, parecendo um lírio, tal a magnitude da sua vestimenta, apresentou-a como Vestal, guardiã do Templo do poderoso Zeus, encarregada da conservação do Fogo Sagrado, cuja claridade ilumina o Universo. A penúltima vestia uma túnica ricamente bordada com monogramas em ouro, superpostos uns sobre os outros, mostrava, em ricos detalhes em forma de hieróglifos egípcios, a sua devoção ao deus Osiris. Era uma Sacerdotisa do Templo.

Por final, a última moça. Sua apresentação era totalmente diferente das demais. Vestia-se com um manto azul. O que chamava a nossa atenção era ela estar com a visão encoberta por uma venda. Trazia, em sua mão esquerda, uma balança e, na mão direita, uma espada. Disse o apresentador chamar-se Themis, a Deusa da Justiça. Enfim, todas foram apresentadas.

— E agora, disse o mestre de cerimônias, devo anunciar os grandes mes-



tres da música que as acompanharão. Com sua Lira de Sete Cordas, Orfeu! Paganini, com o seu violino Estradivário! E, por final, ao piano, Mozart! Que entrem, esses deuses da música!

O auditório espontaneamente pôs-se em pé e prorrompeu em aplausos intermináveis, enquanto os três adentravam ao palco e agradeciam os aplausos.

Mozart imediatamente dirigiu-se ao piano. Ao seu lado direito, Orfeu, e Paganini, à sua esquerda. Ambos empunharam seus instrumentos e a um sinal de Mozart, começou o sarau musical com a *Flauta Mágica*.

O coral era afinadíssimo. Eram vozes de sopranos líricos, acompanhando a mais bela peça musical composta pelo Irmão Mozart. Orfeu esmerava-se com a sua lira. Paganini tocava com o arco as cordas tensas do seu violino. O ambiente transformou-se em apoteótico recinto. A felicidade era geral, a co-

moção a todos atingia. Lágrimas de emoção rolavam pela face dos mais emotivos. Enfim, era a demonstração de que o ambiente fora tomado pela força benéfica dos grandes mestres que aos poucos se faziam presentes.

Fechei os olhos, agucei os ouvidos para melhor deleitar-me com a música, cujos acordes enchiam todo o recinto.

Com os olhos cerrados, percebíamos no ambiente, mas não havíamos visto o momento em que chegaram, os grandes Avatares.

Colocados em mesa especial, estavam Kung-Fou-Tse, o sábio que deu à China sua cultura moral; Zoroastro, que ensinou aos arias a adorar ao Senhor Onisciente. Ahura Mazda, semelhante pelo corpo à Luz, pelo espírito à Verdade. Em seguida, sentou-se Sidarta Gautama, o Buda, cujas afirmações eram: *“Tu não matarás. Não roubarás os bens de outrem. Não cometerás adultério. Não menti-*



rás. Tu te absterás de bebidas e enervantes".

Moisés, o que foi salvo das águas e teve por missão tirar da escravidão os filhos de Israel e conduzi-los as portas da Terra da Promissão; ao seu lado Hermes Trimegista, o Três vezes poderoso possuidor da ciência do antigo Egito. Platão, discípulo de Sócrates, que ensinou os homens a se conhecerem e desvendou o mundo das idéias e das realidades eternas.

Jesus de Nazareth também compareceu, o filho iluminado que deu sua vida pela salvação dos homens. Maomé, o profeta por excelência, cujas afirmações da unicidade de Deus, jamais poderão ser contestadas: *"Deus é Deus e não há outro Deus. Allah reúne a Justiça, a cordialidade e a generosidade. Ele ordena que nos instruíamos"*.

Estranhamente, um lugar permaneceu vazio. Indaguei ao Irmão Leadbeater a razão de estar vazio um lugar à mesa. Talvez alguém tivesse se atrasado, imaginei. Ele sorriu e em seguida explicou-me:

– Esse lugar estará sempre vazio. É destinado ao Amanhã. Os Judeus esperam o Messias; os Muçulmanos, o Hahdi; os Cristãos milenários, a volta do Cristo; os Budistas, Matreya, o próximo Buda, *et cetera*.

Outros guias surgirão ainda, que assinalarão com suas fortes impressões a ascensão da Humanidade. Apesar, porém, da variedade de suas revelações, fique certo que eles vos falarão na a mesma linguagem, porque ela corresponde às necessidades universais e aspirações permanentes da Natureza humana. Sede tolerante, porque ninguém pode definir o *Grande Arquiteto do Universo*.

Olhou ao redor, e continuou:

– Procurai a verdade, praticai a justiça e amai ao próximo como a vós mesmos, tal é o caminho do Dever, a única estrada da Salvação.

Entendi como mais uma lição pri-



Têmis, deusa da Justiça

mosa, recebida do Grande Mestre Leadbeater. Leadbeater foi convidado a sentar-se na mesa principal. Para tanto foi formada uma comissão composta por vários dos presentes. Com toda a reverência, eles se aproximaram do local onde nos encontrávamos e cerimoniosamente, disseram:

– Ilustre e Poderoso Irmão, Soberano Grande Comendador Chefe de todos os verdadeiros Maçons e Presidente de todos os Supremos Conselhos do Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceitos, cuja sede mundial, hoje, é no Oriente do Rio de Janeiro, humildemente, temos a honra em convidar-vos a nos acompanhar e sentar-se a Leste deste local honrado com vossa presença.

Naturalmente, à subida honra de todos nós, foi demonstrada com os presentes se postando em pé, durante o trajeto percorrido, da mesa numero trinta e três ao local destinado à maior autoridade maçônica presente.

Como última lição de Leadbeater foi o seu pronunciamento, cheio de emoção e ensinamento de cunho filosófico. Disse em um trecho da sua fala:

– ... há quatro coisas que precisamos conhecer e que delas devemos nos lembrar em cessar: o que

somos, de onde viemos, para onde vamos e qual o nosso dever nesta Assembléia.

Ávido para aprender, perguntei ao meu vizinho:

– O que Leadbeater quis dizer?

– Acredito, disse-me, é para pensarmos profundamente. Mas vejamos: *o que somos*, além de frágeis criaturas, cuja vida nada mais é do que um ponto entre duas eternidades: o presente momentâneo entre um infinito passado e um indefinido provir?

De onde viemos? O nosso corpo vem dos elementos e o nosso espírito, que representa a nossa essência, provém da grande Fonte de toda existência. *Para onde vamos?* Para o túmulo e mais além, para a eternidade. *Qual o nosso dever?* Suportar com paciência, os infortúnios e agir com retidão em todos os momentos.

Agradei ao meu vizinho.

Nesse instante, o livro que eu estava segurando caiu do meu colo. Pelo barulho que fez, ao tocar o solo, despertou-me. Como num passe de mágica, voltei para a sacada da minha casa...

A leitura da obra tinha-me proporcionado um maravilhoso sonho!





Iniciação

Jorge Levi Salles Pereira, 33^o

Iniciação origina-se da palavra latina *initia*, na acepção de adquirir os primeiros rudimentos de uma ciência.

Inúmeros e antigos são os processos iniciáticos e temos que ter consciência de que outras escolas de iniciação esotérica existem, além da Ordem Maçônica, Rosa Cruz, Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, Ordem Martinista, etc.

O Ato Iniciático é contribuição da Ordem para que se tenha uma sociedade mais justa, com mais amor, mais humildade, mais tolerância, enfim, que exercite realmente os bons sentimentos.

A Iniciação aos nossos Mistérios é uma tradição antiga, sagrada, tanto para aqueles que chegavam quanto para os que os receberiam. Existia um fator importantíssimo que envolvia tal momento: o Respeito.

Hoje, todavia, muito se perdeu, muito nos falta para entendermos o que seja um Ato Iniciático. Lamentavelmente, muitos vêm até nós por curiosidade, com interesses em bens materiais, porque querem obter privilégios, ou, comunitário, porque são amigos de um

Irmão, mas não têm a mínima condição para serem Maçons e, assim, a Iniciação vai perdendo seu valor de transformação do homem.

Precisamos entender que, trabalhando ou assistindo a um Ato Iniciático, estamos presenciando o nascer de uma nova vida e somos responsáveis pelo ingresso de um novo homem, não somente em uma Loja, mas, principalmente, na Maçonaria Universal.

É mais um momento de refletirmos, deixarmos-nos envolver pelo amor ao Ser que ora nasce, sentirmos-nos esperançosos, acreditando que é mais um que lutará para atingir aquela Sociedade mais justa, que tanto almejamos. Aí está o verdadeiro e profundo significa-

do da frase *Sic transit Gloria Mundi* – assim caminha a Glória do Universo.

Lembremos que o Ato Iniciático não é o instante que precede ao ágape e tampouco uma peça de teatro, onde os erros dos atores serão comentados de uma forma jocosa, que não nos leva a nada. Somos Maçons, homens que praticam puros e belos atos. Dentro da Ordem, sendo educados e educando; fora dos nossos Templos, servindo de exemplo para os demais cidadãos do Mundo.

Cada Loja Maçônica, além do Proponente e dos Sindicantes, terá uma plêiade de Maçons para analisar o currículo de um candidato e, assim, responsabilizar-se por seu ingresso na Ordem. O candidato deverá ser, obrigatoriamente, um homem probo, cortês, de bom nível cultural, situação financeira razoável, discreto, maduro, crente em Deus ou em um Ente Superior, etc.

Creemos que um excelente proponente deva ser um Mestre Maçom ativo, conhecedor das necessidades de sua Loja e da Ordem, de conduta profana e maçônica ilibadas e de maturidade maçônica suficiente até, para entender, se for o caso, que um proposto seu não foi aceito pela Loja por motivos que ele desconheça e tenha sido detectado pelos Sindicantes.



23



Cristo Carregando a Cruz. Hieronymus Bosch (1450-1516), pintor holandês

Detalhe de *Cristo carregando a Cruz*. Hieronymus Bosch (1450-1516), pintor holandês, contrasta a resignação na fisionomia serena de Cristo com a vulgaridade impiedosamente caricata da choldrá ignara.

Segundo *Marivalde Calvet Fagundes*, emérito pensador e escritor maçônico, iniciar um profano para o ingresso na Maçonaria não é colocá-lo dentro da Instituição. É permitir, solicitar e ensejar que a vida desse profano seja vasculhada, analisada e pesada por três Mestres Maçons encarregados da sindicância.

Quem na realidade concede o ingresso do profano na Maçonaria é uma Loja, reunida regularmente e mediante escrutínio secreto. A responsabilidade, portanto está repartida por muitos.

Muitas sindicâncias não signifi-

cam necessariamente muitas iniciações. Significam, sem dúvida alguma, à luz da Ciência Estatística, maior oportunidade de seleção e melhor escolha.

O que nós temos, inapelavelmente, de começar a abolir é a figura do "padrinho", que não se justifica, uma vez que ela não dispensa a sindicância nem o escrutínio.

A transformação do "padrinho" em "proponente" dá maior liberdade de ação ao mesmo, tirando-lhe o medo de cometer um engano. Além disto, concede aos sindicantes, também, maior liberda-

de de ação, porque estes sabem que não irão suscetibilizar o proponente, caso as sindicâncias sejam desfavoráveis, o que tem acontecido com freqüência, no sistema atual.

Por falar em medo de cometer engano, lembremo-nos que Jesus Cristo, ao escolher doze apóstolos, cometeu um engano, logo...

Muitos outros aspectos da iniciação poderiam ser discutidos neste trabalho, mas, para não cansar o leitor, paramos por aqui, conclamando a todos que cumpramos o que determinam os nossos Rituais e assim teremos novos e brilhantes Maçons para honra e glória do G.:A.:D.:U.:. ▲



Carta de Santiago

En Santiago de Chile, los días 6, 7 y 8 de Noviembre del 2003, reunidos los Soberanos Grandes Comendadores de Brasil, Uruguay, Argentina, Venezuela, Paraguay, Bolivia y Chile, y el Gran Representante del Soberano Gran Comendador de Colombia, en la **V Conferencia de Supremos Consejos del Grado XXXIII de América del Sur**, quienes, una vez analizado y debatido el tema de esta Conferencia "La Globalización y el Orden en el Caos", acuerdan, por unanimidad, formular la siguiente **Carta de Santiago**:

CONSIDERANDO

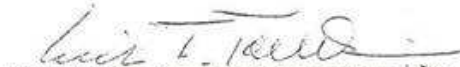
- Que en el esquema planteado por el proceso de globalización se aprecia como una necesidad imperiosa la construcción de un nuevo enfoque social a nivel mundial, basado en la democracia, en el respeto a los derechos humanos universales, en la tolerancia, en la distribución justa de las riquezas, en la igualdad de oportunidades, en la justicia, y en un mérito social inspirado en la creatividad, el esfuerzo y la honestidad, para seguir priorizando el Orden en el Caos.
- Que la Globalización no es estática ni lineal, pues tiene como protagonistas a actores sociales que le imprimen dinamismo para alcanzar los cambios que se persiguen.
- Que en este contexto, el Escocesismo, por su preocupación por la perfección del hombre y su propósito de insertarlo en un mundo mejor, plantea dar nacimiento a nuevas fuentes de realización humana y el descubrimiento y creación de valores que le permitan superar progresivamente el caos interior y convertirse en un factor positivo para la sociedad humana.
- Que consecuente con lo expuesto reitera que el hombre tiene la posibilidad, el derecho y la obligación de convertirse en el artífice de su destino, superando limitaciones y los condicionamientos que le plantea la sociedad, para lo cual el Escocesismo le entrega sus valores y postulados a través de un proceso iniciático, simbólico y analógico.
- Que es función del Escocesismo mejorar la evolución del hombre a través de principios y valores que se proyecten a la Humanidad con el propósito de ofrecer un mundo mejor a las generaciones venideras, dentro de un marco espiritual de amor y fraternidad.




DECLARAMOS

- Es responsabilidad de los altos Grados Masónicos combatir las consecuencias negativas que acarree el proceso de Globalización, y acrecentar los aspectos positivos que éste presente.
- Para hacer efectiva esta responsabilidad es preciso incentivar, el estudio y la formación iniciática, en la preparación de los masones escoceses para que sean capaces de enfrentar el impacto acelerado del crecimiento del conocimiento y la tecnología del proceso de la Globalización.
- De esta forma los Supremos Consejos del Grado XXXIII de América del Sur trabajan para la construcción de un mundo mejor en el que el orden que surja del caos lleve la impronta feliz de su divisa DEUS MEUMQUE JUS.

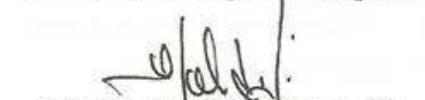
Dada en Santiago de Chile, a 8 de Noviembre del 2003, e.:v.:


I.:P.:H.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33°
Sob.: G.: Com.: del Sup.: Con.: del Brasil

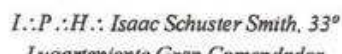

I.:P.:H.: Diego Rodriguez Mariño, 33°
Sob.: G.: Com.: del Sup.: C.: del Uruguay


I.:P.:H.: Roberto Neumarkt, 33°
Sob.: G.: Com.: del Sup.: C.: de Argentina


I.:P.:H.: Rafael Regáñez Amaro, 33°
Sob.: G.: Com.: del Sup.: C.: de Venezuela


I.:P.:H.: Jorge A. Goldenberg A., 33°
Sob.: G.: Com.: del Sup.: C.: del Paraguay


I.:P.:H.: Manuel Contreras Lillaiba, 33°
Sob.: G.: Com.: del Sup.: Con.: de Bolivia


I.:P.:H.: Isaac Schuster Smith, 33°
Lugarteniente Gran Comendador
Sup.: Cons.: de Colombia


I.:P.:H.: Floreal Toledo Vilarin, 33°
Sob.: G.: Com.: del Sup.: Con.: de Chile



Membros Eméritos de Honra

Henry C. Clausen, 33† [E.U.A.], 30/5/75
Carlos Alberto R. Rozo, 33† [Colômbia], 3/5/75
José Royuela Albo, 33 [Bolívia], 11/11/79
Walter H. Mortlock, 33 [Canadá], 11/11/79
Raoul L. Mattei, 33† [França], 11/11/79
Mahmoud Houman, 33† [Irã], 11/11/79
Fausto Bruní, 33 [Itália], 11/11/79
Alejandro Garcia Bostos, 33 [México], 11/11/79
Rogelio M. Téran, 33 [Panamá], 11/11/79
Stanley F. Maxwell, 33 † [E.U.A.], 11/11/79
Richard A. Kern, 33 † [E.U.A.], 11/11/79
Geroge Newbury, 33 † [E.U.A.], 11/11/79
Julian Calvo, 33 † [Espanha], 11/11/79
Kurt Hendrikson, 33 [Alemanha], 19/11/79
Luis A. Hourcade, 33 † [Argentina], 19/11/79
Franz Simecek, 33 [Austria], 19/11/79
Raoul Berteaux, 33 † [Bélgica], 19/11/79
Ignácio González Ginouvés, 33 [Chile], 19/11/79
Juan José Soto Aguilar, 33 [Costa Rica], 19/11/79
Ricardo Mestre Llano, 33 [Cuba], 19/11/79
Rodolfo Glaser, 33, [El Salvador], 19/11/79
Bruno Sadum M., 33 [Equador], 19/11/79
Raymond E. Wilmarth, 33 [Filipinas], 19/11/79
Demeter Tsiros, 33† [Grécia], 19/11/79
José M. Moscoso Espeno, 33 [Guatemala], 19/11/79
B. J. D. Alberts, 33 [Holanda], 19/11/79
Cristobal Prates, 33 [Honduras], 19/11/79
Abraham Fellman, 33 [Israel], 19/11/79
Tony Wehenkel, 33 [Luxemburgo], 19/11/79
Ernesto Wisnesner K., 33 [Nicarágua], 19/11/79
Juan Plate, 33 † [Paraguai], 19/11/79
Cesar Ruiz Reategui, 33 [Peru], 19/11/79
Luis A. Brower Castillo, 33 † [Rep. Dom.], 19/11/79
Kurt Raschle, 33 [Suíça], 19/11/79
Mukbil A Gokdokan, 33 [Turquia], 19/11/79
Milton Galmes Rayes, 33 [Uruguai], 19/11/79
Miguel A. Tejada R., 33 [Venezuela], 19/11/79
C. Fred Kleinknetch, 33 [E.U.A.], 17/9/87
Francis G. Paul, 33 † [E.U.A.], 17/9/88
Gordon L. Bennett, 33 [Canadá], 11/8/90
Agustin Arriaga Rivera, 33 [México], 14/9/92
Sahir Erman, 33 [Turquia], 28/4/92
Antonios Loizos, 33 [Grécia], 28/4/92
Gabriel Jesus Marin, 33 [Argentina], 27/6/97

Henri L. Baranger, 33 [França], 27/6/97
Robert O. Ralston, 33 [E.U.A.], 27/5/99
Leopold Troethann, 33, [Áustria], 25/1/01
Lutfallah Hay, 33 [Irã no Exílio], 25/1/01
Faruk Erengul, 33 [Turquia], 2/2/01
Suha Umur, 33 [Turquia], 2/2/01
Julian Gascon Mercado, 33 [México], 2/2/01
Georgios Halkiotis, 33 [Grécia], 2/2/01
Diego Rodriguez Mariño, 33 [Uruguai], 11/10/01
Domingo Vega de Armas, 33 [Venezuela], 11/10/01
Floreal Toledo Vilarin, 33 [Chile], 11/10/01
Roberto Auchén Homsí, 33 [Bolívia], 11/10/01
Alberto M. Lacacy y Pérez-Cossio, 33 † [Espanha], 2/5/03
Ramiro Arteta Guzmán, 33 [Colômbia], 11/10/01
Roberto H. Neumarkt, 33 [Argentina], 11/10/01
Carlos Reyes Geenzier, 33 [Panamá], 16/8/03
Norman Edward Byrne, 33 [Canadá], 16/8/03
John V. Lawer, 33 [Canadá], 16/8/03
José Maria Florêncio Jr., 33 [Polónia], 27/2/03
Diego Bertolucci, 33 [Paraguai], 27/2/03
Manuel F. Contreras Villalba, 33 [Bolívia], 4/3/03
Mauro Milanese, 33 [África do Sul], 16/8/03
Cesar Anibal Garcia, 33 [Rep. Dominicana], 13/2/03
Sydney R. Baxter, 33 [E.U.A.], 13/02/03

Membros Eméritos

Onéas D'Assunção, 10/8/72
Nivaldo Ribeiro Coimbra, 7/2/73
Raimundo José de Oliveira, 7/4/76
Elimar Baumgarten, 30/11/77
Rizzardo V. G. A. da Camino, 12/3/88
Antonio O. Gurgel do Amaral, 12/8/89
Ailton Elisiário de Souza, 2/5/91
James Gilson Berlim, 23/4/93
Alberto Pontes Garcia, 23/4/93
José Ribamar L. de Oliveira, 7/7/93
Ersio Antônio Ferreira Gomes, 22/6/99
José Soares Filho, 28/6/03